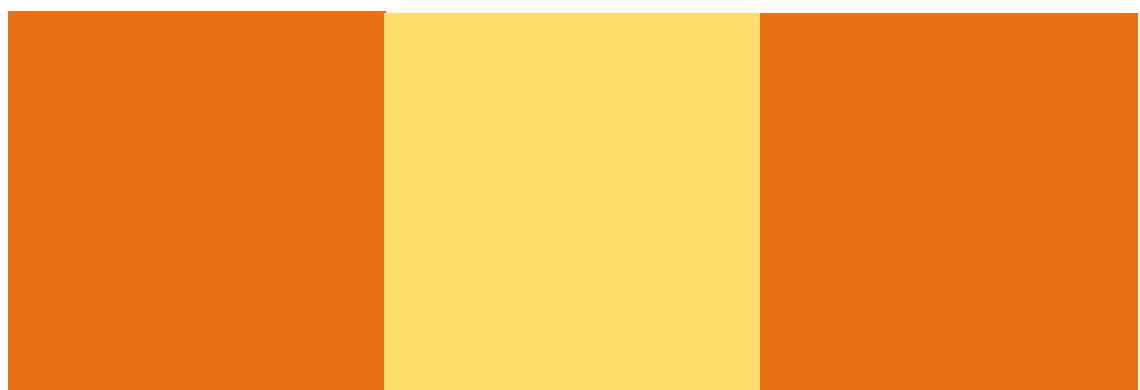


# "Manifesto Conspiracionista": uma extrema esquerda no limiar de se tornar de extrema direita\*

Phillipe Corcuff

*professor titular de Ciência Política no Institut d'Études Politiques de Lyon  
e membro do laboratório CERLIS (Centre de Recherche sur les Liens  
Sociaux, Université de Paris/Université Sorbonne.*



---

<sup>1</sup> Há no título um malicioso jogo de palavras com o termo “Seuil”, que, enquanto substantivo comum, significa “limiar”; mas também é o nome próprio que designa a tradicional editora francesa Éditions du Seuil, criada em 1935, que publicou o livro anônimo com esse título: livro inspirado da extrema esquerda neo-situacionista (*Comité Invisible*) que retoma os temas do complotismo da extrema direita.

[NOTA DA TRADUÇÃO]

Quando uma facção da ultra-esquerda, liderada pelo famoso Julien Coupat, do chamado “Caso Tarnac”, e uma grande editora, as Éditions du Seuil, tendo à frente seu CEO de esquerda, Hugues Jallon, colaboram, justificando o conspiracionismo e se aproximando da extrema direita...

O nome de Julien Coupat ganhou visibilidade na mídia a partir do "Caso Tarnac", referente à sabotagem das linhas de trem francesas (TGV), em novembro de 2008. Coupat foi acusado de terrorismo e conspiração, e detido provisoriamente com outros companheiros<sup>2</sup>. No entanto, a qualificação de "terrorismo" foi definitivamente abandonada pela Corte de Cassação em janeiro de 2017 e, em abril de 2018, Coupat foi absolvido pelo Tribunal Correccional de Paris. Mas ele é também integrante do Comitê Invisível, uma galáxia denominada "appeliste"<sup>3</sup> por causa do texto fundador do grupo de 2003 (às vezes erroneamente citado como sendo de 2004): O Chamado. O Comitê Invisível é autor de três livros publicados pela Éditions La Fabrique: *L'insurrection qui vient* (2007), *À nos amis* (2014) e *Maintenant* (2017); e integra um movimento mais amplo chamado "ultraesquerda"<sup>[1]</sup>. É um espaço militante surgido nos anos 1990, originário da extrema esquerda dos anos 60, e que mistura referências “conseillistes”<sup>4</sup>, “situationnistes”<sup>5</sup>, anarquistas e autônomas, distinto dos partidos de inspiração trotskista ou maoísta e do anarquismo organizado, assim como da "esquerda radical". Para o Comitê Invisível, a filiação ao “situationnisme” e, em particular, à figura de Guy Debord (1931-1994) é relevante. Por isso, frequentemente ele é associado a um pós-“situationnisme”<sup>6</sup>

Do ultra-sistemismo ao conspiracionismo

<sup>2</sup> Todos formam os “9 de Tarnac”, nome referente à comuna que fundaram na Cidade de Tarnac, França. O grupo foi designado como célula anarquista pelas autoridades francesas. [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>3</sup> O termo “appeliste” é derivado do verbo “appeler”, que significa chamar. Optamos aqui por deixar no original, por falta de similar em português. [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>4</sup> O “conseillisme” ou comunismo de conselhos ou ainda de esquerda é uma corrente marxista existente desde o início do século XX, para a qual os conselhos de trabalhadores devem se organizar em um poder insurreccional e liderar a sociedade. O termo marca a oposição ao “comunismo de partido” e às concepções leninistas de que o partido deveria liderar a revolução e a sociedade. [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>5</sup> O termo “situationnisme”, que mantemos na tradução, deriva de L’Internationale situationniste (IS), organização criada em 1957 por teóricos revolucionários e ativistas que atuavam nos campos cultural, artístico, político e social. No primeiro número da revista que lançaram em 1958, definem-se como aqueles “que constroem situações ou eventos unitários através da organização coletiva”. [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>6</sup> Após a auto-dissolução da IS, em 1972, surgiram grupos e publicações intitulados pós-“situationnistes”, com maior ou menor vinculação ao ideário original. Sobre Coupat e o pós-“situationnisme”, ver, por exemplo, [https://www.liberation.fr/livres/2009/05/29/post-situationniste-plus-qu-ultra-gauche\\_560712/](https://www.liberation.fr/livres/2009/05/29/post-situationniste-plus-qu-ultra-gauche_560712/). [NOTA DA TRADUÇÃO]

Sem nomear os autores, a Éditions du Seuil publicou em 21 de janeiro de 2022 o Manifesto Conspiracionista<sup>7</sup>. E investigações de Thomas Mahler, no site do L'Express, e de Olivier Tesquet, no site do Télérama, apontam Julien Coupat como um dos principais autores do livro anônimo. No entanto, o Comitê Invisível se dissociou do livro via um tweet de 20 de janeiro de 2022. Pode-se, então, presumir que o livro foi mesmo escrito por Julien Coupat com a ajuda de alguns militantes de extrema esquerda, sem participação do Comitê Invisível. Por isso, a partir de agora, vou me referir aos autores como Coupat *et al.*

O Manifesto Conspiracionista representa uma ruptura em relação aos três livros anteriores do Comitê Invisível. *L'insurrection qui vient* expressa um ultra-sistemismo apoiado em uma arrogância pós-adolescente, onde tudo está implacavelmente sob o controle de um "sistema" objetivo e toda contestação é apossada por ele... exceto o "appelisme", que possui uma espécie de caráter místico. O livro *A Sociedade do Espetáculo* (1967)<sup>8</sup>, de Guy Debord, já descrevia um ultra-sistemismo objetivo, do qual ninguém parecia poder escapar, e a perspectiva de uma "autoemancipação" através dos "Conselhos Operários Revolucionários"[2] parecia ser o que nas crenças religiosas é chamado de milagre. *À nos amis* é uma obra mais interessante, porque nele a arrogância começa a se estilhaçar diante das contradições da realidade. No entanto, ainda estão presentes na obra algumas formulações em tom conspiracionista. Agora, a meu ver, este é o melhor livro do Comitê Invisível porque, a partir dos embates da prática, traz ao pensamento radical uma lucidez criativa carregada de serenidade melancólica e expressa numa rara linguagem poético-teórica.

Até que... vem o Manifesto Conspiracionista! Regressão total! Nele, as margens conspiracionistas de *À nos amis* se deslocam para o centro; um negacionismo latente e uma deslegitimação da crítica ao antissemitismo exalam seus miasmas; e alianças com a extrema direita se tornam possíveis. A arrogância reaparece em suas formas mais ridículas. Coupat *et al.* se veem herdeiros da grande tradição do pensamento crítico, mas, no fim das contas, estão a milhas de distância dos mais simples lampejos de inteligência

---

<sup>7</sup> <https://www.seuil.com/ouvrage/manifeste-conspirationniste-anonyme/9782021495669>. [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>8</sup> 1967 é a data da primeira edição do livro na França. No Brasil, está disponível uma edição de 2003 em <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf> [NOTA DA TRADUÇÃO]

da filosofia da humildade de Eddy Mitchell (“A vida os dobrou”) e de Alain Souchon (“Zombaram de nós, ridículos...”).<sup>9</sup>

O ultra-sistemismo objetivo, enfatizando o peso da dominação de estruturas sociais impessoais, e o conspiracionismo, fazendo das manipulações ocultas a chave de explicação de tudo, não seriam antagônicos? Do ponto de vista lógico, sim. Pois o primeiro – embora homogeneize demais a realidade e subestime as possibilidades emancipatórias, ao contrário de Karl Marx, que analisou o capitalismo em termos de contradições e de um jogo de tendências e contratendências, deixando abertas brechas emancipatórias – refere-se a mecanismos não intencionais e o segundo refere-se a uma intencionalidade. No entanto, o sociólogo Pierre Bourdieu nos ensinou que a lógica dos lógicos e a lógica prática se enquadram em dois registros muito diferentes [3]. Já Debord havia passado do ultra-sistemismo de A Sociedade do Espetáculo para alegações conspiratórias no prefácio à quarta edição italiana do livro (1979), onde especula sobre um suposto controle das Brigadas Vermelhas pelos “serviços especiais” do Estado italiano [4]. Mais recentemente, o mesmo aconteceu com outra referência intelectual do Comitê Invisível, o filósofo italiano Giorgio Agamben, que, durante a atual epidemia de Covid-19, oscilou entre ultra-sistemismo e intencionismo conspiratório desenfreado, como mostrou o linguista François Rastier, no site Conspiracy Watch<sup>10</sup>. A certa altura do texto, Coupat *et al.* ensaiam uma justificativa conceitual um tanto vacilante para esse tipo de deslocamento, falando, como Agamben, de “conspirações objetivas” (p. 52). No entanto, há um suporte cognitivo e retórico implícito comum aos dois registros, que não é explicado por Debord, nem por Agamben, nem por Coupat *et al.*: a categoria da totalidade. Totalidade objetiva no primeiro registro e totalidade intencional no segundo, mas, em ambos os casos, com a pretensão de manter o “todo” em sua pegada conceitual, sem lacunas no real, nem incertezas, nem imprevistos.

Muito antes do Manifesto Conspiracionista, no cruzamento das décadas de 1970 e 1980 [5], equívocos conspiratórios operavam na extrema-esquerda com a constituição de um pólo negacionista em seu seio. Cito, como exemplo, Jean-Gabriel Cohn-Bendit (1936-2021), irmão mais velho de Dany, que apoiou parte das teses de Robert Faurisson sobre as câmeras de gás nazistas a partir de sua identidade de “judeu libertário”[6]...

<sup>9</sup> O autor refere-se aqui a dois cantores, compositores e atores franceses, Eddy Mitchell e Alain Souchon, e às respectivas letras das canções *Pauvre baby doll* e *Foule Sentimental*, que traduzimos para melhor entendimento de sua crítica zombeteira a Coupat *et al.* [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>10</sup> Ver em <https://www.conspiracywatch.info/le-conspirationnisme-legitime-giorgio-agamben-et-la-pandemie.html>. [NOTA DA TRADUÇÃO]



## As características de uma retórica conspiracionista

É claro que alegar conspiracionismo no próprio título do livro é uma provocação por parte de Coupat *et al.*, uma técnica comum nos meios situationnistes e pós-situationnistes. Mas não se reduz a uma mera provocação. Em primeiro lugar, o livro segue os passos da desqualificação da crítica ao conspiracionismo, bem estabelecida, atualmente, nos discursos ultraconservadores e confusionistas, de Éric Zemmour a Frédéric Lordon, passando por Michel Onfray e Natacha Polony: "a fulminação de todos os poderes contra os conspiracionistas" (p. 9), "a matilha dos cães de guarda" (p. 26) ou "uma suposta 'epidemia de conspiracionismo'" (p. 185). Além disso, a crítica do conspiracionismo seria ela mesma parte do complô: "a retórica anti-conspiracionista serve, na verdade, desde sua origem, para encobrir uma intensa atividade conspiratória" (P. 36).

Todavia, Coupat *et al.* não apenas questionam a crítica ao conspiracionismo, mas, ao longo de várias páginas, praticam a retórica conspiracionista. E começam com uma suposição mentirosa, uma ENORME mentira: "a encenação de uma pandemia mortal global [...] era de fato uma encenação" (p. 8), "a surpreendente descoberta de um novo coronavírus" (pp. 91-92), "todo esse empreendimento de pavor planetário planejado em torno do Covid" (p. 103), "o golpe de março de 2020" (p. 155)... Mentira baseada numa "propaganda soberana" que "fortalece o seu domínio" (pp. 9-10). Nessa contra-narrativa de uma epidemia-ilusão, os mortos pela Covid-19 são esquecidos, como observou o filósofo Mathieu Potte-Bonneville, "porque no fundo o que importa menos é a vida e a morte dos figurantes dessa encenação (pensemos nos brasileiros, tunisianos, nos 120.000 desaparecidos aqui) do que sua capacidade em servir de trampolim para falar por eles". E, para nossos doutos anti-médicos, "as 'vacinas' são mais prejudiciais do que o vírus para a maioria das pessoas" (p. 167).

Essa propaganda titânica seguiria um "plano" e "há etapas no plano" (p. 68): "Uma sequência bastante lógica é prevista, da qual pelo menos a primeira metade foi amplamente ensaiada" (ibid.). A propósito da preparação do dito "plano", Thomas Mahler mostra no site da L'Express que Coupat *et al.* se remetem a pseudo-"fontes" similares às

promovidas pela narrativa conspiracionista de uma das principais articulações entre a direita radicalizada e a extrema-direita: Philippe de Villiers<sup>11</sup>.

A conspiração pandêmica seria uma resposta a uma série de crises que ameaçaram a estabilidade do "sistema" durante o ano de 2019 (Hong Kong, Líbano, Argélia, Catalunha, Chile, Iraque, Colômbia...): "qualquer um que se coloque na pele de qualquer uma das potências organizadas que têm interesse na manutenção da ordem mundial concordará: neste outono de 2019, é hora de acabar com a brincadeira" (p. 89).

Entretanto, as origens dessa grande conspiração estariam bem mais atrás no tempo: "Toda a história começa às vésperas da Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos" (p. 144). E desde então, até os dias de hoje, o grande complô se desenrola sem obstáculos: "Era 1951. Missão cumprida!" (p. 150).

Haveria, assim, uma "constelação de pontos ligados entre si, apesar de sua aparente dispersão" (p. 183). Tudo se encaixa e todos se encaixam! Na busca por supostas origens, somos levados a retroceder cada vez mais: "podemos rastrear essa maneira especial de exercer o poder desde o nascimento da economia política no século XVIII" (p. 192). E não há coincidências: "O fundador da 'seita dos economistas', François Quesnay, não por acaso era o cirurgião do rei" (p. 251). Tudo está conectado, todos estão conectados e não há acaso... para a retórica conspiracionista.

Coupat *et al.* participam da "idolatria das origens", tão bem diagnosticada pelo historiador Marc Bloch [7]. Para Bloch, essa verdadeira "assombração das origens" falha ao não reconhecer que "para a maioria das realidades históricas, a própria noção de um ponto inicial permanece singularmente fugidia"[8]. O Manifesto conspiracionista não esconde essa compulsão explicativa:

"O engenheiro, o engenheiro, já no século XII, era aquele que concebia fortificações e máquinas para cercar os príncipes. Ele não deixou de exercer essa função de origem, que para sempre deve persegui-lo, como toda origem verdadeira." (p. 123)

## O Enfraquecimento conspiracionista da crítica social estrutural

<sup>11</sup> [https://www.lexpress.fr/idees-et-debats/il-recycle-des-theses-conspirationnistes-la-methode-de-villiers-decryptee-par-conspiracy-watch\\_2151979.html](https://www.lexpress.fr/idees-et-debats/il-recycle-des-theses-conspirationnistes-la-methode-de-villiers-decryptee-par-conspiracy-watch_2151979.html).

Em meio a tanta verborragia, mal se encontra qualquer ferramenta para esclarecer conceitualmente a questão do conspiracionismo. Mas, implicitamente, por suas próprias falhas, confusões e misturas, o livro nos convida a fazer distinções heurísticas. Em primeiro lugar, já se enfatizou a importância de distinguir conspirações de teorias da conspiração, o que Coupat *et al.* não fazem. Falar em conspirações remete a manipulações ocultas na história humana. E, de fato, houve e ainda há manipulações ocultas em nossa história. No entanto, uma conspiração é, para as ciências sociais contemporâneas, no máximo, mais um fator interagindo com outros fatores na produção de um evento, ou seja, dentro de uma explicação multifatorial. As teorias da conspiração, por outro lado, constituem narrativas em que a conspiração aparece como o elemento explicativo central. Ela seria o principal fator explicativo, como se uma manipulação oculta pudesse penetrar na estrutura das relações sociais como faca na manteiga, sem encontrar outros elementos, lógicas ou resistências. É por isso que, do ponto de vista das ciências sociais, tais teorias são equivocadas.

É preciso adicionar uma terceira categoria às de conspirações e de teorias da conspiração: a da imaginação conspiracionista, que Rudy Reichstadt qualifica como "síndrome da suspeição"<sup>12</sup>[9]. Trata-se de uma tendência sócio-psicológica que consiste em, de imediato, buscar uma explicação no campo das conspirações para quaisquer eventos. Coupat *et al.* combinam a inclinação ao conspiracionismo com teorias da conspiração.

Os autores do Manifesto Conspiracionista se identificam como sendo "profundos". "Venceremos porque somos mais profundos": este título do último capítulo do livro (pp. 325-379) é reproduzido na contra-capa. Mas, na verdade, eles se mostram superficiais ao pretenderem-se atores de uma ruptura com a crítica social estrutural, historicamente levada a cabo pela esquerda e pelo pensamento crítico, qual seja: a crítica aos mecanismos impessoais que limitam nossas vidas (capitalismo, estatismo, relações de classe, de gênero, raciais...). Inclusive, dois dos autores que eles mobilizam a serviço de seus excessos conspiratórios, estão em posição diametralmente oposta a suas simplificações: Karl Marx (1818-1883) e Franz Kafka (1883-1924).

---

<sup>12</sup> No original, o autor usa o termo "soupçonite", derivado de "soupçon", que significa "suspeita". Ao acrescentar o sufixo grego "ite", a expressão ganha o sentido de doença, infecção, patologia. [NOTA DA TRADUÇÃO]

No prefácio à primeira edição do Livro I de *O Capital* (1867), Marx nos leva a considerar o capitalismo como uma máquina impessoal, que não é controlada por ninguém:

“Não pinte de rosa o capitalista e o latifundiário. Mas aqui não se trata das pessoas, exceto na medida em que personificam categorias econômicas, interesses e relações de classes determinadas. Meu ponto de vista [...], menos do que qualquer outro, não responsabiliza o indivíduo por relações das quais ele é socialmente a criatura, faça o que fizer para se desvencilhar desta condição”. [10]

No trecho acima, vemos o quão longe Marx está do Manifesto Conspiracionista, tão obcecado é este pela CIA, como se estivesse em um blockbuster de Hollywood!

Enquanto isso, Kafka, em 1921, fez uma crítica esclarecedora a uma caricatura que representava o capital como um homem gordo sentado sobre o dinheiro dos pobres, pois, segundo ele, a imagem é “falsa e verdadeira ao mesmo tempo”:

"Apenas em um sentido. [...] O homem gordo de cartola vive às custas dos pobres que ele esmaga, isso é certo. Mas que o homem gordo seja o capitalismo não está correto. O homem gordo domina o pobre dentro de um sistema determinado, mas ele não é o sistema. Pelo contrário, ele também carrega correntes que não estão representadas no desenho. [...] O capitalismo é um sistema de dependências que vão [...] de cima para baixo e de baixo para cima." [11]

Para Kafka, o capitalismo é um entrelaçamento de relações de dependência que acorrentam os próprios capitalistas, ainda que estes lucrem em detrimento dos proletários, mas tal sistema não se reduz a uma manipulação do mundo pelos capitalistas. Mas no quadro superficial que esboçam, substituindo, muitas vezes, a investigação por anedotas e os conceitos por palavras em itálico, Coupât *et al.* empobrecem um pouco mais a crítica social.

### **Éditions du Seuil e Hugues Jallon: do golpe editorial ao atoleleiro confusionista**

Se fosse apenas uma figura marginal como Julien Coupât, integrante da já minoritária ultra-esquerda, o evento ideológico não teria sido tão preocupante. Apenas



uma pequena contribuição às mediações confusionistas entre os discursos de extrema direita, direita e esquerda, analisadas no meu livro "La grande confusion. Comment l'extrême droite gagne la bataille des idées" (Éditions Textuel, março de 2021)<sup>13</sup>; as quais, desde meados dos anos 2000, só favorecerem a extrema direitização dos debates públicos, tendo o conspiracionismo como uma das suas principais conexões cognitivas e retóricas.

A maior preocupação diz respeito à legitimidade intelectual dada à abordagem do livro por quem o editou, uma das maiores editoras francesas e, historicamente, das mais dotadas de prestígio intelectual: as Éditions du Seuil. Os resultados legitimadores daí advindos podem ser lidos como efeito colateral de um golpe editorial que valoriza a provocação política de uma celebridade midiática em um contexto epidêmico, apostando no sucesso comercial do "politicamente incorreto", tão presente hoje em círculos ultraconservadores e confusionistas. O risco é que se torne radicalmente chique exibir-se como "conspiracionista" em certos círculos sociais parisienses, uma qualidade autorizada por esta publicação das Éditions du Seuil.

Mesmo tal legitimação não seria um grande problema, desde que a direção da editora tivesse tratado o livro como outro qualquer. Mas o CEO da Seuil, Hugues Jallon, o defendeu como raramente faz com os demais livros que publica. As declarações de Jallon para Olivier Tesquet, da *Télérama*<sup>14</sup>, são até chocantes quando confrontadas à mediocridade intelectual do livro: "é um livro que vai marcar época, simplesmente porque propõe outras perspectivas para pensar o que está acontecendo conosco". E acrescenta: "uma proposta política original, apaixonante, intelectualmente estruturada, mesmo que [eu esteja] em desacordo com algumas análises". O título da obra seria, inclusive, "uma provocação à inteligência". Uau!

Reforça-se, assim, a legitimação intelectual do Manifesto Conspiracionista! Mas há também legitimação política a partir da esquerda, já que Jallon é uma personalidade da esquerda radical: ex-CEO da editora La Découverte (2014-2018) e, como tal, co-

---

<sup>13</sup> [https://www.editionstextuel.com/livre/la\\_grande\\_confusion](https://www.editionstextuel.com/livre/la_grande_confusion).

<sup>14</sup> *Télérama* é uma revista cultural francesa publicada semanalmente. [NOTA DA TRADUÇÃO]

fundador da Revue du crieur, em 2015, co-editada por La Découverte e Mediapart<sup>15</sup>. Esta dupla legitimação – intelectual e política – já fez sua primeira vítima: Hervé Kempf, ex-jornalista do Le Monde, fundador e editor-chefe do site ambientalista anticapitalista Reporterre.net e também autor publicado por Seuil. Ele ficou entusiasmado com o livro de Coupat *et al.*<sup>16</sup>:

"É preciso ver o livro, e sua estrutura geral tão convincente, como um turbilhão agitando o ar intelectual paralisado há dois anos pela injunção da Covid. Tudo conspira para que este turbilhão – e outros que virão – varra os miasmas estagnados em nossas mentes confinadas."

O duplo patrocínio de Seuil e de Jallon não preocupa apenas por causa da contribuição indireta do conspiracionismo à crescente direitização em curso nos espaços públicos. Pois o livro de Coupat *et al.* vai ainda mais longe, com seu negacionismo latente, sua desqualificação da crítica ao antissemitismo, e até mesmo uma certa justificação deste último, bem como por suas aproximações mais diretas com a extrema direita.

Negacionismo latente? O nazismo e o Holocausto, em particular, e as experiências totalitárias, em geral, são implicitamente relativizadas pelo uso de excessos retóricos sobre nosso presente: “terror” (p. 17), “uma máquina de extermínio ético” (p. 143), “os senhores deste mundo querem se livrar de nós” (p. 221), “uma tentativa de aniquilação” (p. 275), “vocações de colaboradores” (p. 357), a comparação com a Resistência “em Paris em julho de 1940” (p. 360), “tortura branca” (p. 365)...”.

Desqualificação da crítica ao antissemitismo? A crítica ao antissemitismo é equiparada a uma "artimanha desgastada contra o Nuit Debout e os Coletes Amarelos"<sup>17</sup>, usada pelos "meios de comunicação"; uma "manobra" tendo como alvo “qualquer oposição clara à ordem existente” (p. 269). Mais recentemente, a deslegitimação da crítica ao antissemitismo tem sido difundida pelo economista Frédéric Lordon, o filósofo Michel Onfray e o advogado "colete amarelo" François Boulo [12]. Ela contribui para minimizar, de modo confusionista, o antissemitismo em setores da esquerda. Mas Coupat *et al.* vão

<sup>15</sup> Revue du crieur – que tem o subtítulo "Investigações sobre ideias e cultura" – é uma revista francesa voltada para a esquerda, que combina artigos jornalísticos e acadêmicos. [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>16</sup> <https://archive.is/d9hDC>

<sup>17</sup> O termo Nuit Debout designa um conjunto de manifestações em praças públicas francesas, que teve início em 2016, com uma contra a legislação trabalhista, e prossegue. [NOTA DA TRADUÇÃO]

mais longe numa justificativa vergonhosa do antissemitismo. Segundo eles, "essa manobra" levaria a "empurrar" para o antissemitismo "aqueles que não aguentam mais" (p. 269). Ou seja, seriam os críticos do antissemitismo que empurram os contestadores da ordem estabelecida em direção a um antissemitismo com o qual eles não tinham nada a ver no começo. CQFD<sup>18</sup>.

Aproximação mais direta com a extrema direita? "Não há motivo para temer o contato" com os "fascistas" em manifestações populares (p. 377). Contato que se pode fazer "com os punhos", mas também através de algo assemelhado a uma nova aliança, no prazer "de descobrir irmãos e irmãs onde menos se espera" (ibid.). Ah, sim! Isso implica rejeitar "as pregações de pureza" (ibid.). O que não parece muito coerente em um Manifesto onde qualquer "esquerda" é irremediavelmente condenada como impura por essência (pp. 49-51 e 331-332). Um possível terreno comum com esses novos "irmãos" e "irmãs"? A primazia dada à "vingança" (pp. 365-368) como combustível sócio-afetivo, e, portanto, ao ressentimento. Do lado da extrema direita, alguns entenderam bem a mensagem. Tanto que, já em 24 de janeiro de 2022, o site nacionalista e antissemita *Égalité & Réconciliation*<sup>19</sup>, criado por Alain Soral, publica online um texto intitulado "Quando a extrema esquerda entende que a conspiração é a nova inteligência política"<sup>20</sup>, no qual se diz, entre outras coisas:

"Portanto, pode-se afirmar que o conspiracionismo inteligente da direita nacional, ou mesmo da E&R<sup>21</sup>, contaminou a parte mais séria, aquela que reflete sem antolhos, da extrema esquerda, e que é compatível, nesta base de acordo, com o populismo intelectualmente avançado do qual fazemos parte. Naturalmente, a turma de Coupat não aderirá à E&R, mas programas comuns se delineiam."

Em certas passagens, o Manifesto conspiracionista até consegue escapar do lodo confusionista. Por exemplo, nele encontramos algumas reflexões estimulantes sobre os componentes espirituais da emancipação social (pp. 348-353), em contraste com o atual empobrecimento espiritual das esquerdas. Mas, perdidas em meio a um amontoado nauseante, não se pode fazer muito com elas.

<sup>18</sup> Sigla que significa "ce qu'il fallait démontrer", equivalente ao nosso "como se queria demonstrar" (CQD). [NOTA DA TRADUÇÃO]

<sup>19</sup> <https://www.conspiracywatch.info/notice/egalite-reconciliation>

<sup>20</sup> <https://archive.is/W9Yoa>

<sup>21</sup> Sigla da *Égalité & Réconciliation*. [NOTA DA TRADUÇÃO]

Notas:

- [1] Ver Audric Vitiello, « "Ultra-gauche" : esquisse de généalogie d'un courant politique radical », Fondation Jean-Jaurès, 15 mars 2019. Fondation Jean-Jaurès, 15 de março de 2019.
- [2] Guy Debord, *La Société du Spectacle* [1ª ed.: 1967], Paris, Gallimard, coleção "Folio", 1996, &116-124, pp. 116-121, e &221, p. 209.
- [3] Ver Pierre Bourdieu, *Le sens pratique*, Paris, Minuit, 1980.
- [4] Guy Debord, Prefácio à quarta edição italiana de "La Société du Spectacle" [1ª edição: 1979], in *Commentaires sur la société du spectacle*, Paris, Gallimard, coleção "Folio", 1996, pp. 119-147.
- [5] Ver Valérie Igounet, *Histoire du négationnisme en France*, Paris, Seuil, 2000.
- [6] Ver Philippe Corcuff, "Négationnisme d'ultra-gauche et pathologies intellectuelles de la gauche". À propos d'un texte de Jean-Gabriel Cohn-Bendit de 1981", em Philippe Mesnard (ed.), *Consciences de la Shoah. Critique des discours et des représentations*, Paris, Éditions Kimé, 2000, pp. 260-273, reproduzido no site da PHDN (site PHDN (Pratique de l'Histoire et Dévoiements Négationnistes), 20 décembre 2021), 20 de dezembro de 2021.
- [7] Em Marc Bloch, *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien* [manuscrito inacabado escrito em 1940-1943], Paris, Armand Colin, 1974, pp. 25-29.
- [8] *Ibid*, p. 25.
- [9] Em Rudy Reichstadt, *L'Opium des imbéciles. Essai sur la question complotiste*, Paris, Grasset, 2019, p. 155.
- [10] Karl Marx, *Le Capital*, prefácio da 1ª edição do livro I [1867], reimpresso em Philippe Corcuff (ed.), *Marx XXIe siècle. Textes commentés*, Paris, Textuel, 2012, pp. 17-18.
- [11] Franz Kafka, 1921, citado por Michael Löwy, *Franz Kafka rêveur insoumis*, Paris, Stock, 2004, p. 27.
- [12] Ver Philippe Corcuff, *La grande confusion. Comment l'extrême droite gagne la bataille des idées*, Paris, Textuel, 2021, pp. 425-427.